

Presença da

universidade

A democratização da estrutura interna das instituições de ensino superior, através de eleições livres para reitor e chefes de departamento, e a ampliação do acesso da população à universidade, aumentando sua participação na solução dos problemas nacionais, foi defendida hoje pela maioria dos participantes do painel "Universidade e Democracia", no último dia do seminário "A Universidade Brasileira e a Constituinte", realizado na UnB. A professora Maria de Azevedo Brandão, da Universidade Federal da Bahia, provocou uma grande polêmica ao afirmar taxativamente que "a universidade brasileira não tem nada a dizer sobre a Constituinte", acusando o sistema de ensino superior de estar num estado de "calamidade pública" e de viver elitisticamente à margem dos movimentos de base da sociedade.

Além da professora Brandão, participaram do painel os professores Carlos Chagas Filho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Joaquim Falcão, do Ministério da Justiça, e Sílvio Maranhão, do Pimes. A coordenação ficou com o professor Sadi Dal Rosso, da Associação dos Docentes da UnB (ADUnB), e os estudantes estiveram representados pelo presidente da União Nacional dos Estudantes, Renildo Calheiros.

Joaquim Falcão, o primeiro a falar, afirmou que a atuação efetiva da universidade junto à sociedade é fundamental para o processo de redemocratização, e defendeu a adoção de princípios democráticos nas metodologias adotadas em aula, na concepção de ciência e na determinação dos currículos.

A abertura das universidades à população, através de cursos de extensão e aperfeiçoamento que aprimorem a formação cultural do País foi proposta pelo professor Chagas, que criticou a estrutura da carreira docente como um "sistema fechado sobre si mesmo". Para ele, "a democracia tem que se alimentar do esforço feito pela universidade, como a formação de quadros e a compreensão dos problemas nacionais, dentro de uma visão de futuro".

Sílvio Maranhão destacou o papel crítico da universidade, que não está sendo exercido pelo fechamento da hierarquia universitária. Ele acha que a solução é transformar os mecanismos de representação da sociedade nas escolas superiores, para que seus interesses sejam ouvidos, o que foi endossado por Calheiros, da UNE.

POLEMICA

Chamando as discussões sobre a Constituinte de "hipocrisia", Maria Brandão acendeu o debate ao questionar extensamente os vícios estruturais da universidade brasileira, afirmando que "ela não está disposta a democratizar-se internamente", e sua contribuição "pode se resumir a declarações verbais de princípios".

Ela criticou duramente a desqualificação e o corporativismo dos docentes, as "farsas" de trabalhos de pesquisa que não apresentam resultados e a ineficiência da "máquina educacional", considerando o papel da universidade secundário, já que seu acesso está vetado à maioria da população. Sadi Rosso lembrou que a universidade tem pouca prática democrática porque não havia espaço anteriormente, e que agora seu papel é participar do aprendizado da construção da democracia.